



# ORGANIZAÇÃO DE UM MUSEU DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Prof. MÁRIO GONÇALVES VIANA

## 1 — CONCEITO DE MUSEU

Quando se fala num museu, surge ao espírito de quase toda a gente — por força de uma irresistível associação de idéias — a visão de uma casa, ou de várias salas atulhadas de objetos velhos e antigos, reunidos sem alma, para gáudio de alguns investigadores ou amadores de antiquilhas. Tal é a força da tradição! Durante longos anos, durante séculos, os museus foram, (como já tivemos ocasião de salientar) tristes necrópoles: sombrias e quase inúteis cidades de "mortos"!

A concepção atual de tais instituições é completamente diferente da concepção passada. Ao organismo morto ou dormente, de outros tempos, contrapõe-se um organismo vivo, que não se limita a reunir espécimes raros ou curiosos, para investigação de alguns poucos sábios ou eruditos, e antes pelo contrário procura proporcionar, a todos os espíritos de boa-vontade, elementos vivos e fecundos de estudo e de cultura. Segundo Gebhard, os museus têm a grande vantagem de serem considerados como fontes imparciais de informação científica, porque, ao passo que o escol erudito pode aproveitar com a leitura de tratados ou de conferências, só os objetos expostos atingem as massas.

Na verdade, a imagem é o elemento mais universal de cultura: para as inteligências simples e medianas, sob o ponto de vista psicológico, ver e crer são duas operações que se confundem. O operário, o camponês, o homem da rua só acredita, verdadeiramente, depois de ver, ou, na melhor das hipóteses, só começa a interessar-se por um problema após tê-lo observado em imagem ou em esquema.

Por isso, no entender geral dos mais abalizados museólogos, entre todos os estabelecimentos de educação (note-se que, hoje, os vocábulos escola e museu não podem já dissociar-se), são os museus os mais qualificados no sentido de formarem a juventude com dignidade e elevação e os mais indicados, também, para educarem as classes populares.

Em face disto, surge, naturalmente, ao nosso espírito, a seguinte interrogação: Mas que deve entender-se por "museu"?

A esta pergunta lógica, responderemos nós com uma tentativa de definição: Museu é um conjunto de espécimes, de documentos, de elementos de estudo, de bibliografia e de publicações, devidamente selecionados, classificados e agrupados (expostos e não expostos), no sentido de esclarecerem, em todos os seus aspectos, o problema à volta do qual gravita a instituição.

O atual conceito de museu perde a sua feição meramente histórica, para evoluir no sentido, mais extenso, de CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO; afasta-se (como acentua Molly Harrison) dos velhos métodos académicos, para adotar meios de ensino práticos, mediante o contato com o real.

Pela definição, que apresentamos, se verifica que a velha concepção unilateral de museu, apenas formado de espécimes raros, e isolados de quaisquer outros elementos de cultura geral e especial, já não é de admitir. O museu, para cumprir a sua finalidade precípua, tem de agregar a si todos os elementos suscetíveis de esclarecerem o problema que lhe deu origem: livros, mapas, gráficos, filmes, discos fonográficos, fotografias, etc.

## 2 — OBJETIVOS DOS MUSEUS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O museu tende, em nossos dias, a transformar-se, a par do livro e do rádio, num meio, por excelência, de cultura, devendo, por isso, ser, ao mesmo tempo, uma fonte de emoções e de estudo, um espetáculo sugestivo e um conservatório, em suma: o museu deve reunir, sob um mesmo teto e para uso de todos, como defende Georges Salles, aquilo que até há pouco se ia procurar a vários locais — à escola, à biblioteca, ao teatro, ao laboratório e ao gabinete dos estudiosos particulares.

Já dissemos que escola e museu são expressões difíceis, hoje, de dissociar; já demonstramos que não será possível educar, em condições de verdadeira eficiência, sem o concurso de museus dignos de tal nome. Todas as ciências, todas as técnicas e todas as atividades da vida contemporânea têm, como símbolo e paradigma da sua personalidade, como expressão da sua cultura, museus próprios. E é por isso que, em toda parte, surgem os mais diversos e sugestivos museus de Arte, de Música, de Ciências Exatas, de Ciências Abstratas, de Ciências Aplicadas, de Tecnologia, de Etnografia, de Sociologia, de Pedagogia, de Higiene, de História Natural, de Antropologia, etc.

Se é assim, por que não hão de, também, criar-se museus de Educação Física?

Concebem-se ginásios, erguem-se estádios, constroem-se piscinas, criam-se agremiações desportivas ou de ginástica. Por toda parte se praticam, com entusiasmo crescente, exercícios físicos; por toda parte se inauguram campos de jogos... E a par de um número, cada vez maior, de praticantes de desportos, verifica-se um aumento, também ininterrupto, de multidões apaixonadas e entusiastas pelas grandes competições e campeonatos.

A Educação Física é, em toda parte, considerada um elemento essencial do processo educativo. Ela faz parte do currículo escolar, e constitui, em todas as fases da vida, um elemento altamente salubridador, capaz não só de favorecer a higiene física, mas também a própria higiene moral.

Ao contrário, todavia, daquilo que muita gente erradamente supõe, não basta exercitar, no domínio físico, o corpo, para realizar Educação Física digna de tal nome.

Em muitos casos, a exercitação, quando desorientada ou abusiva, torna-se nociva, e degenera em triste deseducação. A prática desregrada dos desportos pode ser altamente prejudicial não só a dignidade humana, mas também à saúde moral, intelectual e física dos indivíduos. Por outro lado, as grandes massas que frequentam os estádios, que acompanham os campeonatos, que aclamam os participantes nas diversas "provas", "voltas" e "competições" criam um ambiente ou uma atmosfera de excitação, de nervosismo e de paixão, que, às vezes, nada possui de desportivo, de dignificador ou de elegante.

Não resta dúvida de que, no domínio da exercitação física, se impõe uma obra acalmadora de educação ou, se quiserem, de reeducação.

Essa obra implica uma ação multiforme, que terá, naturalmente, como pilares a Escola e o Professor.

Mas se nós dissemos, atrás, que Escola e Museu são duas idéias hoje tão afins e próximas que, quase, se confundem, que mutuamente se pressupõem, compreende-se que nesta cruzada de purificação e de dignificação da Educação Física, cuja imperiosa necessidade se experimenta, há que tomar em linha de conta a criação de museus de Educação Física, como instrumentos essenciais para a formação de Professores, de Instrutores, de Dirigentes, de Treinadores e de Monitores, e para a compreensão do fenómeno da Educação Física por parte das classes de ginástica e das grandes massas desportivas. O livro e o jornal não bastam, para o efeito; só um museu poderá coordenar todos os elementos necessários à interpretação e nobilitação deste grande problema humano.

Usando, de modo convergente, todos os meios pedagógicos, ao seu alcance, o museu poderá responder, em imagens fascinantes, a três perguntas fundamentais:

— Como? Como praticar a exercitação física?

— Por quê? Qual as razões por que se pratica a exercitação física?

— Para quê? Quais devem ser os objetivos a atingir com a exercitação física?

A exercitação física, quando realizada sem finalidade, degenera rapidamente, descamba para o excesso ou para a uni-

lateralidade; afasta-se da vida; desintegra-se da civilização; em suma, desumaniza-se.

Os museus de Educação Física procurarão, mediante uma ação concêntrica e de síntese, realizar os seguintes objetivos essenciais:

1.º Esclarecer, através das visões cronológica, espacial, estética, antropocêntrica e nacional, a universalidade e o valor humanístico da Educação Física, concretizando o problema pela imagem, pelo gráfico, pelo diorama, pelo diagrama, ou outros meios igualmente adequados.

2.º Tornar possível a aproximação comparativa dos fatos, no Espaço e no Tempo.

3.º Relacionar a Educação Física com a Biologia, com a Medicina, com a Higiene, com a História Geral, com a História Militar, com a História da Civilização, com a Mitologia, com a Hagiologia e com as Artes plásticas, musicais, gráficas, aplicadas, etc.

4.º Substituir o conhecimento abstrato, verbal e memorizante, pelo conhecimento visual e pela observação direta das imagens.

5.º Completar e esclarecer noções difusas ou insuficientes, as quais constituem a origem dos mais graves erros e excessos.

6.º Tornar o ensino das diversas atividades gímnicas ou desportivas mais persuasivo, mais impressionante e mais estimulador.

7.º Relacionar os problemas da Educação Física com a Psicotecnia.

8.º Relacionar os problemas da Educação Física com a Pedagogia Familiar, Escolar, Profissional e Social.

9.º Integrar os problemas da Educação Física na Cultura Geral da nossa época.

10.º Integrar os problemas da Educação Física na estrutura jurídica e social da vida contemporânea.

### 3 — ESTRUTURA DOS MUSEUS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Posta a questão desta maneira, nova interrogação ocorre fazer. Para conseguir fins tão vastos e tão transcendentes, como devem ser planejados e idealizados os museus de Educação Física?

E' evidente, a aceitarmos a concepção museológica atualmente dominante no mundo, que um museu desta categoria deverá ser bipartido, isto é: constituído por dois grandes se-

tores: o setor destinado à exibição permanente ou temporária, de espécimes e de elementos suscetíveis de observação visual, e o setor destinado a reunir os elementos de estudo referentes aos objetos expostos e destinados à elucidação e esclarecimentos de todos os problemas respeitantes à Educação Física; o primeiro setor para ver e para observar; o segundo setor, para consulta e para estudo.

Nas salas de exposição deverá, naturalmente, seguir-se a lição da Psicologia, começando por apresentar as cinco grandes visões globais que a Educação Física nos oferece:

1.ª **Visão cronológica.** Apresentará o problema da Educação Física em função das épocas históricas e das civilizações respectivas: Antiguidade Oriental, Antiguidade Clássica, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Será uma visão essencialmente histórica.

2.ª **Visão espacial.** Apresentará o problema da Educação Física em função dos climas, das condições mesológicas: de latitude, orográficas, hidrográficas, etc. Será uma visão essencialmente prática.

3.ª **Visão antropocêntrica.** Apresentará o problema em função da Antropologia, da Etnografia, da Indumentária, da Sociologia e da Psicologia dos diversos povos. Será uma visão essencialmente humana.

4.ª **Visão estética.** Apresentará o problema da Educação Física nas suas relações com todas as formas de Arte: Pintura, Escultura, Baixo-Relêvo, Música, Poesia, etc., reunindo as obras de Arte e reproduções inspiradas em motivos gímnicos-desportivos. Será uma visão essencialmente impressiva e educadora da sensibilidade, do bom-gosto e do sentimento do Belo, da Elegância e da distinção das atitudes.

5.ª **Visão nacional.** Apresentará o problema nas suas relações com a História Nacional, em função da sua vida econômica, social, lúdica, escolar, militar, etc. Será uma visão essencialmente interpretativa e explicativa da Educação Física em cada país.

Depois de compreendido o problema da Educação no Tempo, no Espaço, na Humanidade, na Arte e na Pátria, passar-se-ia, então, a observar os outros aspectos, considerados analiticamente:

1.º **Desportos.** Apresentará cada desporto nos seus diversos aspectos, justificando-o pela "imagem", expondo os instrumentos de que ele se utilizou ou utiliza, e mostrando as suas várias modalidades.

2.º **Jogos.** Apresentará os diversos jogos, mediante a exposição do material respectivo, assim como de esquemas ou gráficos representativos das suas fases ou "marcações".

3.º **Ginástica.** Apresentará a evolução dos exercícios gímnicos (Ginástica militar, pedagógica, corretiva, profissional, infantil, adulta, feminina, etc.), mediante todos os meios visuais possíveis: reproduções de gravuras antigas, desenhos, fotografias, miniaturas, etc.

4.º **Trabalhos manuais.** Apresentará os diversos tipos de trabalhos manuais, com as suas técnicas, modelos e possibilidades: trabalhos manuais pedagógicos, trabalhos de acampamento, jardinagem, aviominiatura, naviominiatura, etc.

5.º **Educação integral.** Apresentará as tentativas de formação integral mediante o **Escutismo**, o **Campismo**, etc.

Mas estes aspectos não esgotam ainda o problema e outras seções importantíssimas — algumas delas surpreendentemente sedutoras — se poderiam oferecer à observação dos visitantes, dos desportistas, dos ginastas, dos eruditos e do público em geral.

Primeiro, teríamos a Ciência e a Doutrina:

1.º **Pedagogia gímico-desportiva:** Apresentação visual das diversas técnicas e métodos adotados sucessivamente em Esparta, em Atenas, em Roma, na Idade Média (com a calavaria feudal, cortesanesca e andante), nas escolas dos Filantropistas, nas Universidades, nos atuais Institutos ou Escolas de Educação Física dos diversos países, etc.

2.º **Medicina e Higiene gímico-desportivas:** Apresentação de vários problemas nas suas relações com a ginástica médica, com as investigações biométricas e com a atividade dos laboratórios de Fisiologia, Anatomia, Fisioterapia, Cirurgia Plástica, Centros de Medicina Desportiva, etc.

Depois, teríamos os fatos reais e concretos:

1.º **Construções gímico-desportivas:** Ginásios, palestras, hipódromos, e estádios helênicos; circos, anfiteatros, naumaquias, termas e acampamentos romanos; campos cerrados e de lide medievais; terreiros, salas de jogo da pela, salas de esgrima e de armas; picadeiros, ginásios, piscinas, estádios e Escolas e Institutos de Educação Física contemporâneos, etc.

2.º **Associativismo gímico-desportivo:** Apresentação através de todos os meios visuais possíveis, das reuniões transitórias ou permanentes, de caráter venatório, desportivo ou militar, desde os jogos gregos e romanos, desde o Campo de Maio e de Outono carolíngios, desde os alardos medievais, até às associações, clubes e federações, etc. Colecionamento de estatutos, regulamentos, estatísticas, etc.

3.º **Aparelhagem gímico-desportiva:** Aparelhagem usada em ginásios de Escolas, Institutos, etc.

Finalmente, a coroar estas sucessivas visões do problema, surgiriam, por fim, as mais analíticas, as simbólicas, mas nem por isso menos impressionantes:

1.ª **Seção de Mitografia, de Hagiologia e de Imaginária gímico-desportiva:** Figuração dos deuses mitológicos dos diversos povos, que praticaram atividades gímico-desportivas; figuração, com os respectivos símbolos, dos Santos do Hagiólogo Católico, que praticaram atividades desportivas, etc.

2.ª **Seção de Emblemática gímico-desportiva:** Insignias, emblemas, bandeiras, troféus, etc., de Congressos, Reuniões, Institutos, Escolas de Educação Física, Federações, Associações, desportistas, atletas, etc.

3.ª **Seção de Numismática gímico-desportiva:** Medalhas inspiradas em motivos desportivos, medalhas comemorativas de Congressos ou aniversários, medalhas conferidas a desportistas, etc.

4.ª **Seção de Filatelia Gímico-desportiva:** Selos, vinhetas, e bilhetes-postais inspirados em motivos gímico-desportivos, marcas do dia, etc.

Este seria o museu propriamente dito, seria a parte destinada a ser vista, a parte espetacular, constituída por toda a categoria de espécimes, modelos, miniaturas ou imagens: quadros, desenhos, reproduções de obras de arte, esculturas, baixos-relevo, documentos, estampas, caricaturas, gráficos, bandeiras, insignias, dioramas, medalhas, diagramas, emblemas, distintivos, mapas, estatísticas, reconstituições, selos, vinhetas, troféus, material usado nos diversos desportos e no campismo, esquema de jogos, indumentária, manequins, etc.

Anexo a este museu principal, funcionaria o **museu complementar**, constituído por algumas seções, que seriam o cérebro e a alma da instituição:

1.ª **Centro de Documentação.** E' hoje geralmente aceite que os museus devem ser centros de investigação, o que levou Paulo Rivet a afirmar que cada museu deve ser um Centro não só de iniciação popular, mas também de documentação científica.

Este Centro de Documentação visará, fundamentalmente, a reunir, selecionar e sistematizar documentação sobre Educação Física, quer documentação geral de enquadramento, quer documentação particular de caráter específico.

A referida documentação tem de considerar o problema nos seus múltiplos aspectos, avultando entre essa documentação

a seguinte: documentação histórica, documentação biográfica, documentação filosófica, documentação informativa, documentação jurídica, documentação lingüística, documentação técnica, documentação artística, documentação científica, documentação crítica, documentação literária (antologias), documentação gráfica, documentação manuscrita, documentação humorística, etc.

Além disso, competir-lhe-á também:

a) Fornecer aos professores de Educação Física e aos estudiosos todos os elementos teóricos e práticos respeitantes à mesma Educação Física, devidamente inter-relacionados, para que seja possível realizar aquêlê trabalho científico a que se refere Anatole Weber:

"Toda a ciência é formada por um conjunto de noções exatas e racionadas resultantes do estudo. Os primeiros dados são fornecidos pelo conhecimento vulgar das coisas; o raciocínio e a observação intervêm, seguidamente, para os pôr em ordem e para os classificar. A partir desse momento, encontra-se em face de um conjunto de descrições e de classificações, mas numa fase provisória. Falando propriamente, a ciência apenas começa a existir no momento em que se estabelecem, enfim, não só as leis específicas que regem os fenômenos observados, mas ainda as relações de dependência destes fenômenos, com as leis que regem as outras ciências conexas".

b) Organizar cursos e formar grupos de estudo para, com base nos elementos compulsados, procurarem novos métodos e técnicas de ensino.

c) Realizar inquéritos junto das entidades com as quais se mantêm relações: estabelecimentos de ensino, museus, bibliotecas, centros de investigação, centro de documentação, etc.

d) Editar publicações onde se arquivem os seus trabalhos.

2.ª **Biblioteca de referência e de especialização,** adjunta ao respectivo centro de documentação, aos quais competiriam as seguintes funções específicas:

a) Recolha e classificação de elementos históricos;

b) Recolha e classificação de elementos científicos;

c) Organização de bibliografias especiais: de livros, revistas, jornais, recortes de jornais, etc.;

e) Organização de coleções e séries de elementos gráficos: músicas, gravuras, fotografias, plantas, reproduções de obras de arte, etc.

3.ª **Filmoteca,** a qual reuniria filmes científicos e técnicos de interesse para a Educação Física, filmes de exibições coreográficas, gímnicas e desportivas (Linguaiadas, Jogos Olímpicos, campeonatos, etc.), filmes de atividades lúdicas (campismo, caça, alpinismo, pesca, etc.), filmes de congressos, de conferências, etc.

Paulo Rivet afirma que todos os museus deveriam possuir

uma sala cinematográfica, na qual a imagem em movimento seria o comentário permanente das exhibições congeladas das vitrinas, e na qual se efetuariam sessões especiais para as crianças, exibindo-se filmes documentários, filmes de viagens, filmes educativos.

Com efeito, o filme, no domínio científico, é considerado hoje um elemento indispensável ao material de ensino dos museus, contribuindo para a formação da sensibilidade visual do público não iniciado e também para o progresso científico, e para a educação do grande público.

Aliás o filme tem grande importância para o estudo dos movimentos e dos micromovimentos, pois a **objetiva da câmara descobre relações imprevistas ou ignoradas, e cria um novo ritmo, próprio do cinema.** Mesmo no que diz respeito à arte, o filme tem grande importância num museu, como acentua Gordan Mirams:

"Eu estou, presentemente, convencido de que a vista humana é incapaz de ver — e com mais forte razão, o espírito do espectador, é incapaz de absorver — uma grande quantidade de pormenores nas obras de arte de certa categoria, porque nunca é possível concentrar suficientemente a atenção: a vista e o espírito distraem-se sempre com os pormenores vizinhos. Pelo contrário, é com facilidade que a vista ultra-sensível da câmara nos obriga a fixar a nossa atenção sobre uma região limitada, de que ela põe em evidência cada uma das qualidades ou dos defeitos. E, certamente, esta é uma utilização legítima do processo cinematográfico, pois que os pormenores em questão encontram-se já no quadro e a câmara apenas impede que eles fiquem ignorados".

4.<sup>a</sup> **Fonoteca**, a qual reuniria discos e fitas fonográficas com danças regionais, danças rítmicas, lições-tipo (magistras e radiofônicas), vozes de comando, relatos de jogos, discursos; hinos de atividades desportivas, marchas militares, etc.

5.<sup>a</sup> **Fototeca**, a qual reuniria fotografias dos próceres da Educação Física, de desportistas, de grupos de desportistas, de atividades desportivas, de acontecimentos ginnasiais, desportistas, etc.

Paulo Rivet afirma que a fototeca é o complemento da biblioteca, devendo funcionar nas mesmas condições desta, pois constitui o **reportório indispensável de todos os aspectos muitas vezes fugitivos, às vezes desaparecidos, da natureza, da vida ou da arte.** Além disso, pode ser também uma fonte de lucros para a instituição, uma vez que os visitantes gostam sempre de adquirir fotografias, bilhetes-postais, reproduções dos objetos expostos, etc.

6.<sup>a</sup> **Mapoteca**, a qual reuniria mapas itinerários, de vias fluviais, marítimas e férreas; piscatórios, venatórios, etnográficos, potâmicos, orográficos, de campismo; cartogramas, etc.

Entre os mapas que, naturalmente, deveriam figurar na mapoteca, avultam as **cartas desportivas dos diversos países**, as quais fornecem elementos valiosos do mais alto interesse, sobre:

- a) Jogos e desportos praticados em tempos antigos e sua localização;
- b) Jogos e desportos mais adaptados à mesologia e às características regionais: planície, montanha, rio, mar, etc.;
- c) Jogos preferidos em cada região;
- d) Jogos e desportos antigos, ainda hoje praticados, e sua localização;
- e) Jogos e atividades físicas praticados todo o ano, ou só em determinadas épocas, em função das estações, das atividades predominantes em determinados períodos, das condições climáticas, etc., e sua localização;
- f) Regiões venatórias, com indicação das espécies respectivas;
- g) Locais próprios para a prática do campismo;
- h) Piscinas e sua localização;
- i) Campos de jogos e sua localização;
- j) Pistas e zonas para desportos náuticos;
- k) Ginásios e sua localização;
- l) Regiões próprias para a pesca.

Estas seções representariam o complemento natural da parte do museu apresentada ao público. Quem visita uma instituição desta categoria, e não é espírito vulgar, não fica, em geral, satisfeito com aquilo que vê exposto, e formula perguntas e quer saber mais. A resposta às suas interrogações, que serão tanto mais numerosas e profundas, quanto mais curioso e ilustrado for o visitante, encontrará-las nestas seções, e em exposições especializadas e cíclicas, em conferências, em cursos doutrinários ou técnicos, e em sessões cinematográficas, que ao museu cumpre levar a efeito, com regularidade, indo, por este meio, ao encontro das inquietações ou necessidades espirituais das massas eruditas, desportivas ou simplesmente curiosas.

É assim o museu moderno: os espécimes que apresenta e os elementos que reúne são **instrumentos de trabalho ou de estudo**, e não simples múmias, sem vida, eternamente a dormir por trás de vitrinas mudas e esfíngicas.

#### 4 — REALIZAÇÃO DO MUSEU DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O museu de Educação Física estabelecerá a aliança entre o passado e o presente, entre a aprendizagem visual e a aprendizagem intelectual e física. A par dos objetos reais, proporcionará modelos, maquetas, miniaturas ou reproduções (quando os espécimes não possam ser apresentados); a par das imagens estáticas (dadas pela pintura, gravura, desenho, fotografia, caricatura, etc.), facultará as imagens cinemáticas (dadas pela cinematografia); a par das imagens visuais (dadas pelos livros), fornecerá imagens auditivas (dadas pela música); a par das noções analíticas, fornecerá valiosas visões globais e de conjunto, mediante gráficos, esquemas, estatísticas, dioramas, diagramas, cartogramas, etc.; a par das visões puramente científicas, facultará visões estéticas, por intermédio da apresentação das obras de arte de todas as épocas (ou das suas reproduções), inspiradas em temas gímnico-desportivos; a par da vasta lição histórica, fornecerá a expressiva lição da vida atual, permitindo confrontos e visões globais ou sínteses, que de outro modo seriam impossíveis, ou, pelo menos, difíceis de estabelecer.

Criando museus de Educação Física, com esta amplitude e categoria, salvar-se-ia da dispersão aquilo que ainda existe; realizar-se-ia uma obra de reconstituição e de hierarquização de valores; interessar-se-iam as massas pelos aspectos espirituais, estéticos e higiênicos da Educação Física, e, finalmente, edificar-se-ia um monumento admirável, mais sólido e mais perdurável do que o mais grandioso dos estádios.

Convém não esquecer o seguinte: Se não fossem os artistas gregos, que nos legaram os frisos do Parténon e as maravilhosas estátuas dos atletas e dos jogadores da velha Hélada; se os Poetas e os Filósofos não houvessem descrito ou celebrado, no verso e na prosa, os velhos jogos ístmicos, píticos, nemeus e olímpicos, nós pouco saberíamos do que foi o **milagre da Grécia**: a educação ateniense, que procurava atingir, numa síntese humana admirável, a Força, a Beleza e o Bem.

Se não existissem, nos museus e nas bibliotecas, todos esses documentos, fruto do trabalho intelectual colocado ao serviço da Educação Física, que saberíamos nós daquilo que se fez? Que nos restaria das glórias dos triunfadores de Olímpia e da harmonia dos efebos atenienses? Saberíamos pouquíssimo, e apenas nos restariam algumas ruínas impressionantes, enigmáticas como esfinges — algumas ruínas que alguns sábios e venerandos arqueólogos, recorrendo a hipóteses mais ou menos plausíveis, mal poderiam decifrar e interpretar.